

1) Questão 1

A obrigatoriedade do ensino de literatura de origem africana de língua portuguesa é recente em nosso país. A lei 10.639 de 2003, foi a responsável pela inserção de textos literários produzidos por autores africanos no Ensino de Literatura Africana nas escolas brasileiras.

Não temos como dimensionar a amplitude da utilização de textos literários africanos em nossas escolas atualmente. Como sabemos, uma lei determina, mas não confere o seu cumprimento, nos impedindo, assim, de afirmar categoricamente, que a literatura africana, de fato, permeia o conteúdo da disciplina de literatura de nossas escolas.

Como nos diz Sílvia Possenti, a escolha do material a ser utilizado em sala de aula é um caminho, entre muitos, escolhido pelo professor. O autor nos chama atenção para o fato de que a definição de conteúdos, de metodologia dos recursos materiais e procedimentos dos textos a serem trabalhados em sala é "uma obra política". Se os professores não estiverem dispostos (ou conungidos) a trazer a literatura africana para as aulas, farão pouco ou farão mal. O comprometimento com a causa é necessário para o "bom uso" de "outras" literaturas e esse comprometimento está relacionado às posições ideológicas do sujeito-professor.

Segundo a lei, os diálogos entre a literatura brasileira e a africana são fundamentais para promover a quebra de paradigmas e preconceitos, oportunizando ao aluno acesso a uma literatura que "transcende fronteiras geográficas e linguísticas", fundamental. Existe um discurso hegemônico do colonizador que a paga (ou tenta apagar) a história do colonizado, com nos lembra Orlando (2015). Ao trocar nossas experiências literárias, estaremos trocando também histórias de

colonizados, subjugados, inferiorizados e nos unindo para combater esse discurso rompendo não só fronteiras geográficas, mas, principalmente, ideológicas. Nossos países, nossos marcas identitários nos aproximam e a literatura é uma ótima alternativa para penetrarmos no mundo dos africanos e nos aproximarmos dele.

Antônio Candido nos lembra que "a literatura desmembra em nós uma quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante (1997). Ora, o ensino de literatura é muito mais do que levar o aluno a ler um texto "enquadrando-o" em algum gênero literário; ensinar literatura é por meio de textos, propiciar a resignificação e a valorização de culturas outras e a percepção das diversidades. No caso da literatura africana, o professor ainda tem (ou deveria ter) a preocupação em desfazer estereótipos negativos largamente difundidos sobre a "mãe África".

Denunciar as desigualdades sociais e refletir sobre as práticas cotidianas do Brasil e de países africanos também está no bojo das muitas atribuições do ensino de literatura.

2) Questão 2

A linguística textual defende que o ensino de língua portuguesa deve partir sempre de um texto. Vale ressaltar que ao dizer de texto, digo de qualquer materialidade linguística literária ou não. O ensino da língua portuguesa amparado no passado, na gramática normativa descolava a palavra ou a frase de um texto ou contexto, explorando suas características independentemente de fatores extralinguísticos. Não considerava nem o sujeito nem a História.

O texto literário é um excelente ponto de partida para o ensino/aprendizagem de qualquer conteúdo poli-

- citado pelo programa exaltar. Além de possibilitar múltiplas reflexões e pensações no leitor, ele coloca a palavra ou a frase em uso 'relacionada' integrada.

Tratando especificamente, de estrutura e formação de palavras, logo surge um em mente o escritor Mia Couto. Ele é um dos muitos exemplos de autor literário que 'usa e abusa' de neologismos para produzir sentidos. Faz isso com maestria.

Segundo Azeredo (2007) a palavra é "a menor unidade significativa - autônoma constituída por um ou mais morfemas dispostos em ordem estável". Mia Couto transgide essa norma: é capaz de inventar morfemas por exemplo por despojar a palavra de significado. O 'professor de ensino de língua portuguesa pode trabalhar conceitos e promover debate e críticas, saindo dos padrões já estabelecidos para deixar de dizer sobre a sua importância.

A derivação, segundo Azeredo também é o processo que "dá origem a novas palavras enquanto a flexão produz variações dando origem a vocábulos morfológicos". Fato que Mia Couto subverte a lógica colocando afixos onde não está previsto, mudando a classe da palavra, dando a ela significados outros. Por que não trabalhar a estrutura e a formação de palavras por processos não previstos?

Como nos diz Orlandi (2015) as palavras são carregadas de sentidos que não sabemos como se constituem e que, no entanto, significam em nós para nós. A literatura africana pode nos ajudar a penetrar em um mundo de palavras novas em que outros significantes e significados estão em jogo.

Outros autores africanos como José Craveirinha, Pepetela, Ondjaki, Octaviano Garcia, Dário de Melo nos podem apresentar infinitas possibilidades de textos para serem estudados. A literatura africana é impregnada

de histórias de guerra, de dominação, ricas em significantes e significados. Neste texto de José Craveirinha podemos perceber um exemplo padrão de formação de palavra por sufixação que altera a classe da palavra de adjetivo para advérbio, possibilitando ao professor uma excelente entrada para tratar das estruturas e formação de palavras, sem deixar de tratar das questões poéticas ali denunciadas.

Eu sou carão!

E tu arrancas-me brutalmente do chão

E fazes-me na tua mina, patrao!

Eu sou carão! (Fragmento)

Ornelas ao contar uma história da guerra civil angolana se pauta, por exemplo, na repetição de sufixos de diminutivos. O importante é que a abordagem do conteúdo linguístico de nã mica, criativa e disposta a transgredir.

### 3) Questão 3

O texto literário não é uma representação da fala tampouco é desvinculado das tradições orais. É uma forma específica de manifestação da linguagem e objeto particular de investigação" (Ingedore Koch, 2006) que nos permite refletir sobre fenômenos linguísticos e poéticos. Ele é uma ficção e entre suas muitas atribuições pode dizer "o leitor de seu contexto estreito desmolendo nele sua capacidade de imaginar que é um motor de transformação histórica" (Maries, 2005).

Costumo brincar dizendo que "po" a literatura palia", digo isso porque esta capacidade que a literatura tem de nos fazer deslocar de nós mesmos e nos colocar em outro espaço tempo em outra história é o que pode nos tornar melhores.

O contrário com textos diversos, permite ao leitor ampliar seu repertório cultural e linguístico ao "decifrar".

ou tentar os textos e lutar pelo valor de suas histórias de mundo e de seus conhecimentos linguísticos: suas memórias são ativadas para que o processo de compreensão do texto ocorra. Como cada leitor tem suas memórias e o texto será lido de diferentes maneiras, significará diferentemente para cada leitor.

A oralidade é muito anterior aos textos escritos. As narrativas orais distraíam ouvintes e contadores em épocas em que se lia de forma judicamental. O tempo e o espaço eram marcados pelos contadores que relatavam suas histórias por meio de personagens. Esses elementos ainda se fazem presentes nas narrativas.

As poesias, de origem diferente, fundadas nas cantigas carregam em si marcas de musicalidade, sonoridade, rima, métrica, versos, estrofes. As poesias modernas e pós-modernas não têm as mesmas preocupações.

Os textos literários perderam e ainda podem interferir da oralidade: o cordel é um dos exemplos atuais. São concebidos por um autor que diz de um lugar social, que tem sua poética ideológica marcada em seu texto. Há uma intencionalidade do autor: ele não diz qualquer coisa de qualquer lugar. Os textos são influenciados pelas condições em que seus autores os produziram. É um lugar de significação, de confronto de pontos de vista, de estabelecimento de identidades de argumentação e de pontos de vista, como nos diz Orlando (2015): "Ideologias podem ser cristalizadas ou apagadas. O texto é poderoso, portanto."

O leitor pode ou não se encantar e se possibilitar com o texto. Sua experiência estética passa pela sua percepção, pela sua apreensão e pelas suas histórias. No Ensino Fundamental II, os alunos são leitores a pouco maduros, e os textos devem fazer ainda mais

essa responsabilidade social de promover a tolerância no encontro com novas realidades.

Os histórias, os conflitos, as emoções, as peripetias contadas em um texto transmitem pelo personagem pelo narrador ou pelo eu-lírico são elementos capazes de transformar o indivíduo. Nós somos o que lemos e no momento que lemos sobre tempos e espaços diferentes do nosso somos também capazes "de penetrar nos problemas da vida" e perceber a "complexidade do mundo" (A. Candido)

Assim a literatura africana ensinada nas escolas põe em prática as aulas do Fundamental II a utilizam nos experiências que colaboraram com o seu desenvolvimento, o seu crescimento e a sua capacidade de se colocar no lugar do outro.